"Mulheres já trazem no DNA delas marcas e atitudes fortes"

A médica psicanalista Déborah Pimentel destaca a importância das mulheres na medicina e como são incansáveis, inquietas, criativas e destemidas



POR LAUDICÉIA FERNANDES

Quando se fala em mulheres na medicina, Sergipe tem nomes importantes e singulares. Um deles é o de Déborah Mônica Machado Pimentel, médica psicanalista que, neste 2022, vai completar 40 anos de profissão. Nessa trajetória com muitas e variadas atuações, ela desenvolveu expertise, olhar e compreensão aguçados sobre a área, tornando-se uma das profissionais mais respeitadas do Estado.

A paraibana nascida em Campina Grande vive em Sergipe desde os 12 anos de idade, lugar que aprendeu a amar. Sergipana de fato e de direito, como ela mesma aponta com orgulho, Déborah Pimentel é detentora dos títulos de "Cidadã Sergipana" e Cidadã Aracajuana", conquistados em 2000, por proposituras da então deputada estadual Elma Paixão e da vereadora da época Dra. Jane Melo, respectivamente.

Formada pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 30 de julho de 1982, ela optou pela Psicanálise

como especialidade. Fundadora e atual presidente do Círculo Psicanalítico de Sergipe, tornou-se a segunda mulher – a primeira é Prof. Zulmira Freire Rezende – a entrar na Academia Sergipana de Medicina (ASM), a qual presidiu por duas gestões consecutivas (2006-2010). Detalhe: dos 40 imortais, apenas sete são mulheres. A médica destaca, aliás, a honra de ter sido a primeira mulher a presidir uma academia de medicina no Brasil. Inclusive, foi presidente nacional do Círculo Brasileiro de Psicanálise (2008-2010).

Nesta entrevista, concedida com exclusividade à **Revista Somese**, a mãe da ortodontista Roberta Pimentel Macedo e a avó dos gêmeos Adam e Louise, com 11 meses, faz um balanço do papel das mulheres na medicina tanto em nível nacional quanto estadual. Descreve o preconceito do passado vivido pelas médicas pioneiras e salienta a imprescindibilidade delas e das atuais profissionais. Confira a entrevista a seguir:

Revista Somese - Na opinião da senhora, qual a importância de ter mulheres atuando na Medicina?

Déborah Pimentel - Nos dias atuais, acho desnecessário pensar em gênero no que tange às escolhas profissionais e

ou importância. Todos podem ser aquilo que desejarem ser e todos são importantes neste cenário. O desejo de cada sujeito e as oportunidades oferecidas, frente às péssimas políticas públicas em educação e saúde, principalmente, é que farão a diferença, criando ou roubando oportunidades de todos, independentemente de gênero, e se tornarão impeditivos, podendo modular as escolhas e os caminhos.

"O aumento do número
de mulheres nos cursos do
ensino superior é resultante
das lutas feministas que
forçam reflexões e ações
públicas"

Revista Somese - Historicamente, proibições, discriminação e preconceito marcaram o ideal das primeiras mulheres que ousaram desafiar tudo e levar adiante o sonho de se formarem médicas no Brasil. A senhora considera que ainda há preconceitos e discriminação quanto a mulheres atuando na Medicina? DP - De fato, o início desta caminhada foi longo e árduo. Existem centenas de histórias de mulheres pioneiras ligadas à Medicina que revelam as dificuldades de uma época. Mulheres como Maria Augusta Generoso Estrela, nascida no Rio de Janeiro, cujo pai apoiou as iniciativas dela, permitindo que partisse para os Estados Unidos, aos 16 anos, para se graduar em Medicina, haja vista no Brasil, ela, por sua condição feminina, ter sido impedida de estudar.

Sim, no início, havia muito preconceito. Muitas mulheres tiveram que efetivamente impor o desejo delas, sobrepujando a condição feminina que as colocava, antes de tudo, numa posição de inferioridade e de desconfiança acerca do potencial de desenvolver uma boa prática, que era essencialmente masculina até então. Hoje, o mundo é das mulheres e, em todas as profissões, somos maioria. O aumento do número de mulheres nos cursos do ensino superior é resultante das lutas feministas que forçam reflexões e ações públicas, que vão fomentando as discussões, questionando as desigualdades e essa posição de submissão do feminino que ainda reina no imaginário social sobre a condição exclusiva de "rainha do lar".

Revista Somese - Cite nomes de algumas médicas em níveis nacional e estadual que se destacam - ou se destacaram - na profissão.

DP - Vale a pena citar Dra. Carlota Pereira de Queirós, paulista, e que se graduou em Medicina em 1926 e se tornou a primeira deputada federal da América Latina em 1933. Outra ilustre médica foi a psiquiatra Dra. Nise da Silveira, alagoana, que se formou em 1927, na Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1946, ela fundou a Seção de Terapia Ocupacional no Centro Psiquiátrico

Pedro II, trabalho pioneiro reconhecido internacionalmente. Em Sergipe, a grande pioneira, primeira mulher a se formar em Medicina, foi a Dra. Ítala Silva Oliveira, que foi estudar na Faculdade de Medicina da Bahia e lá se graduou em 27 de novem-

bro de 1927. Avançando mais um pouco, chegamos a 1961 quando da fundação da nossa Faculdade de Medicina aqui em Sergipe e a graduação da primeira turma em seguida. Naquele primeiro grupo de graduandos, a presença de quatro grandes mulheres: Dra. Maria Rosa da Silva Mendonça, Dra. Lydia Mesquita Salviano, Dra. Simone Matos Soares e a imortal acadêmica Dra. Zulmira Freire Rezende. A estas mulheres, temos que render nosso tributo.

Revista Somese - De acordo com o Conselho Regional de Medicina de Sergipe (Cremese), atualmente, 46,62% dos profissionais do Estado, entre ativos e inativos, são mulheres. Qual análise a senhora faz ao constatar que, hoje, o número de médicas em Sergipe já se aproxima à metade em comparação aos homens?

DP - De acordo com pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina da USP [Universidade de São Paulo], desde 2009, o número de mulheres que ingressam no curso de Medicina no Brasil tem sido maior que o dos homens. E entre os profissionais com menos de 30 anos de idade, as mulheres já são maioria. Estes números em Sergipe, muito em breve, revelarão outro cenário também, pois o número de mulheres aprovadas atualmente nos cursos de Medicina nas escolas de Sergipe cresceu exponencialmente mais do que os homens. Em muito breve, as mulheres médicas serão maioria no nosso Estado também.

Revista Somese - Entre as especialidades mais exercidas por mulheres na Medicina, estão pediatria e ginecologia. A senhora considera que há algum tipo de limitação quanto à escolha das áreas de atuação para médicas?

DP - Através dos registros nos Conselhos Regionais de Medicina, percebe-se que, entre as 53 especialidades, as mulheres preferem pediatria, ginecologia, medicina da família e clínica médica. Talvez, estas escolhas tenham a ver com a própria condição da maternagem



feminina, cuja vocação parece estar focada no cuidado das famílias, das crianças e/ou de outras mulheres em um movimento de solidariedade e de identificação. Mas, também, percebo que estas escolhas são muito árduas, e as mulheres pagam alto preço, pois estas especialidades algumas vezes também escravizam as mulheres. Pediatria, por exemplo, demanda muita atenção e disponibilidade quase integral desta mulher médica para as mães dos pequenos pacientes, que sempre são muito exigentes. É fato que as mulheres ainda são minoria em algumas áreas, a exemplo da cirúrgica, na qual os homens predominam como cirurgiões neurológicos, cardiovasculares, urológicos e ortopédicos.

Revista Somese - Segundo o Plano Nacional de Fortalecimento das Residências em Saúde, do Ministério da Saúde, em 2030, as mulheres devem superar quantitativamente os homens na profissão médica. No entanto, elas ainda ganham menos e ocupam menos cargos de chefia de acordo com a Pesquisa de Demografia Médica no Brasil, realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Por que ocorre essa discrepância e o que é preciso fazer para mudar isso?

DP - Mesmo com o crescimento do número de mulheres nos cursos superiores, infelizmente, isto não se reflete ainda em valorização no mercado de trabalho, e elas permanecem ganhando menos do que os homens. Parte por responsabilidade masculina, quer pelo preconceito em confiar uma chefia a uma mulher, alegando que elas não seriam dedicadas o bastante ou que as mulheres podem se afastar do trabalho frente a uma gravidez ou por intercorrência de saúde da prole, e

parte ainda porque eles ainda são muito competitivos e, dentro dos seus próprios lares, estes homens - alguns, claro -, ainda se furtam a dividir as tarefas e obrigações domésticas. As mulheres acabam se transformando em multitarefas, cuidando da casa e dos filhos praticamente sozinhas e reduzindo a carga horária profissional, perdendo vantagens competitivas com homens que se dedicam exclusivamente à profissão. Eis a razão que cargos de chefia acabam sendo monopolizados pelos homens.

Não há de se negar que, para as mulheres, há ainda um grande desafio que é de fato conciliar a vida profissional com a construção e a manutenção da família, um problema inexistente para a maioria dos homens que não vive este tipo de conflito entre carreira e família. Parabéns aos homens que conseguem dividir sem competição e rivalidade seus espaços com as mulheres. São sábios. Homens e mulheres devem aprender que só a diferença promove o crescimento. Respeito e tolerância são elementos promotores de um bem-estar, em uma troca afetiva, em que ambos são essenciais e irremediavelmente complementares.

O que é apontado por algumas pesquisas é que, no processo seletivo para as residências de especialidades médicas, há, infelizmente, um certo nível de discriminação com as mulheres, quando este avaliador é do gênero masculino, dificultando a entrada de mulheres em algumas formações.

Queremos uma sociedade mais justa e, por isso, as lutas para a superação das desigualdades de gênero permanecem sendo importantes e necessárias.

Revista Somese - Nota-se a presença de médicas empreendendo cada vez mais na área de saúde em Sergipe. Quais os desafios que elas encontram atualmente nesse sentido e quais os benefícios para a sociedade sergipana ao tê-las como empreendedoras/empresárias?

DP - Acho que as mulheres já trazem no DNA delas as fortes marcas e as atitudes empreendedoras, com capacidades de administração e organização, talvez, mais bem desenvolvidas que os homens. Como as mulheres são multitarefas e têm capacidade de administrar mil coisas ao mesmo tempo, enquanto os homens, em geral, são mais focados em uma coisa por vez, abrir uma nova frente de trabalho parece ser aparentemente mais fácil sob a ótica feminina.

O caminho mais habitual de empreendedorismo na

medicina é abrindo um consultório ou se associando a outros profissionais e criando uma sociedade médica. Já o caminho menos comum é trabalhando em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias, o que requer parcerias estratégicas e investimentos.

Um exemplo de mulher empreendedora da medicina de Sergipe, um case de sucesso, é a Dra. Ildete Caldas. Começou com o seu consultório ginecológico, cresceu a gama de serviços prestados, criando uma clínica, e transformou-a, mais adiante, em uma policlínica com prestação de serviços médicos e com tecnologia de ponta de primeiro mundo. Tudo isso conciliado com a sua condição feminina, mulher e mãe, cuidando sozinha de duas crianças. Claro que isso exige esforço, estudos, planejamento estratégico, disciplina, dedicação e determinação. Ela conseguiu, e a Cemise é uma referência na prestação de serviços com excelência em Sergipe.

Revista Somese - Muitas médicas são mães. Como psicanalista, como a senhora avalia os desafios de conciliar a profissão médica com a maternidade e a atenção necessária à família?

DP - É preciso reconhecer a demanda das mulheres em busca de um discurso próprio que promova sua subjetivação como sujeito e deixe de ser objeto de uma produção discursiva massiva, que diz o que ela é. Para além da mínima diferença anatômica que nos distingue, as possibilidades de identificação entre os campos não têm limites, tanto nos sujeitos quanto nas formas da nossa cultura.

A psicanálise teve o efeito de dar voz ao feminino não só através das clássicas histéricas freudianas, como de todos aqueles, quer homens ou mulheres, que admitiram e desejaram falar o que neles era o "oculto", o "misterioso", o "enigmático".

Revista Somese - Na opinião da senhora, médicas possuem sensibilidade mais aguçada no ato de tratar os pacientes do que os colegas do sexo masculino?

DP - Acho que qualquer sujeito, independentemente do gênero, pode desenvolver boas habilidades de comunicação e desenvolver uma escuta empática e acolhedora na relação médico-paciente e capaz de oferecer uma prática médica humanizada. Mas não se pode negar, fruto de pesquisas, que as mulheres levam, em média, cerca de 15 minutos a mais com os pacientes, ouvindo-os em consulta, com relação aos homens, e

isso favorece o vínculo com os pacientes, que acabam fazendo maior adesão ao tratamento e indicando mais aquele profissional. Pesquisas mostram, também, que elas são mais convincentes e persuasivas nas argumentações, favorecendo a mudança de hábitos dos pacientes, o que leva a uma maior qualidade de vida para eles.

Revista Somese - Qual a importância para as demais profissionais o fato de haver uma mulher, uma médica, como a senhora, também enveredando pela literatura ou até mesmo em outros segmentos fora da Medicina?

DP - Sou uma sonhadora e sei da importância dos sonhos quando aliados à capacidade de criação e atitudes gerando realizações. Busco de forma entusiasta realizar todos os meus sonhos. Não é tarefa simples. Às vezes, consigo; às vezes, não. E, como todo mortal, tenho que elaborar e lidar com a falta, sem me deixar desmoronar.

Confesso que não é fácil ser filha, irmã, médica, mãe, psicanalista, gestora, professora universitária, pesquisadora, escritora, amiga, amante de um bom vinho e de boas risadas, e, agora, avó de gêmeos, tudo simultaneamente e encarnadas em um mesmo sujeito.

E afinal, o que é ser mulher? Quem sabe o que quer uma mulher? Quais são os seus desejos? O que a faria feliz? O que motiva uma mulher a tantas frentes de trabalho? Quem se arrisca a decifrar este enigma que é a mulher? Jacques Lacan, psicanalista francês, disse que não existe nenhum significante que diga o que é uma mulher. [Sigmund] Freud já havia desistido e disse que deixaria a tarefa para outros psicanalistas - quem sabe uma mulher? O certo é que somos incansáveis, inquietas, criativas, destemidas.

